

SÔNIA BARROS

TEMPO DE DENTRO



O poema de abertura de *Tempo de dentro* dá as coordenadas da poética que norteará todo o livro. O momento epifânico, no bojo do qual nasce o poema, acontece dentro do mais simples cotidiano, é um “acaso-luz”, como vai aparecer noutro poema mais à frente, em homenagem a Donizete Galvão. A palavra poética emerge de uma espécie de dentro do dentro, a fonte mais acalentada (e também silenciada) da interioridade subjetiva. Os restos da memória são como feijão catado que brotou.

O poema se faz do *recolhimento* e do *acolhimento* desse grão: aquilo que do passado perdura no presente. A poesia de Sônia Barros é toda ela uma delicada elaboração da *durée* [duração] bergsoniana, anunciada já na epígrafe do volume. Seu tempo é o tempo experienciado do amadurecimento, envolto num gesto de profunda paciência, que diríamos necessariamente feminino, legado de mãe para filha.

O amadurecer existencial se dá no encontro do *desde-sempre* com o *de-repente-aí*. Volta e meia revém (devém) o tema da menina ou do menino contidos no adulto, assim como seu simétrico inverso — aquilo que de maduro, velho ou antigo esteve desde sempre no presente/passado contínuo do viver. Há portanto também a dura consciência da corrosão, como elemento integrante da duração. É o que lemos em poemas como “Constatação do irremediável”, “Fachada que se esfarela”.

“Só a escrita ilumina”, afirma a poeta a certa altura. E sua operação poética é uma autêntica *procura da poesia*, expressa pelas mais clássicas e pu-

ras metáforas. Água, fogo, asas, o mar, a chuva, animais que são também metáforas — o gato, o peixe, os cães do belo poema “Há em mim mulheres” — e as referências muito seletivas às artes plásticas e outros discursos. Por ser procura permanente, o poema por vezes se dá como alegoria mesma do ato criador.

Construído com rigor e organização, *Tempo de dentro* nos traz, em última instância, uma fina percepção poética do ciclo da vida tal como efetivamente vivido.

ITALO MORICONI



SÔNIA BARROS nasceu em 1968, em Monte Mor (SP), e desde a infância mora em Santa Bárbara d'Oeste (SP). Formou-se em Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Publicou dois livros de poemas, *mezzo vôo* (com o apoio da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, em 2007) e *fiôs* (vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2014). Também publicou 18 obras de literatura infantojuvenil, dentre elas *tatu-balão* (selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro e Infantil e Juvenil em 2015) e *nas asas do haikai* (2016).

TEMPO DE DENTRO

BETO RICHA

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

JOÃO LUIZ FIANI

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

JADER ALVES

DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ROGÉRIO PEREIRA

DIRETOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

IVENS MORETTI PACHECO

DIRETOR DA IMPRENSA OFICIAL DO PARANÁ

COORDENADOR DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2017

OMAR GODOY

NÚCLEO DE EDIÇÕES DA SEEC

LUIZ REBINSKI

MARCIO RENATO DOS SANTOS

COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2017

PRÊMIO HELENA KOLODY | POESIA

ITALO MORICONI

MARCELO SANDMANN

SÉRGIO ALCIDES

CAPA

MARCELO CIPIS

REVISÃO

VANESSA C. RODRIGUES

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

JOÃO LUCAS DUSI

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

THAPCOM.COM

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira – CRB9 - 775

Barros, Sonia, 1968-

Tempo de dentro / Sônia Barros - Curitiba, PR :
Biblioteca Pública do Paraná, 2018.

134 p. ; 21 cm. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2017 –
Prêmio Helena Kolody – Categoria poesia”

ISBN 978-85-66382-27-3

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.1

SÔNIA BARROS

TEMPO DE DENTRO

para Fanny Abramovich

*Existe, dentro da história cronológica, outra história
mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo.*
Ecléa Bosi

*A duração interior é a vida contínua de uma memória
que prolonga o passado no presente.*
Henri Bergson

SUMÁRIO

10 EPIFANIA NA COZINHA	44 MÃES
14 VIDA VIRADA DO AVESSO	48 PARA O GATO QUE ME TEVE
18 BEIJA-FLOR BISPO DO ROSÁRIO	52 LUZ DE RENOIR
20 DE SAÍDA, SEMPRE	54 MÃOS DE BOTERO
22 O TEMPO DENTRO DO TEMPO	56 TEMPO SUBJETIVO
26 VIVER A VIDA	58 ETERNO APRENDER
28 ACASO-LUZ	60 ESBOÇO DE UM SONHO
32 LABOR	64 TARDE IMPRESSIONISTA
34 HOMEM EM SEU DESERTO	66 FILHA A CARREGAR A MÃE
38 SE NÃO ME FALHA A MEMÓRIA	70 CONSTATAÇÃO DO IRREMEDIÁVEL
42 OUVIR O OUTRO	72 FACHADA QUE SE ESFARELA

74
AFETO E FACA

76
ARAUTO SEM ESCOLHA

80
OLHOS CAPAZES DE ASAS

82
HÁ EM MIM MULHERES

86
RETRATO
(OU TENTATIVA DE)

88
ÀS VEZES, VIDA

90
IMPRESINDÍVEIS

92
NUNCA ANTES

94
CONSOLO EM GRACILIANO

96
UMA CARTA

98
A CADA LUA

102
SEM RESPOSTA

104
DOMINGO (DOS OUTROS)
PEDE CACHIMBO

106
SINA

108
DESAMPARO

110
PAISAGEM PÓS-BOMBA

112
BODAS DE SOLIDÃO

114
O CORPO

118
COMO NA VIDA

122
VIDA *IN LOCO*

124
CANSAÇO REVISITADO

126
FLOR DO FOGO

129
SILÊNCIO E GRITO

130
PEIXE SEM GUELTRAS

EPIFANIA NA COZINHA

Numa quarta-feira,
às onze da manhã,
em meio ao prosaico,
descubro:

também eu,
ao nascer,
fiquei à deriva,
restolho
boiando

até ser acolhida

como esse feijão que acabou
brotando, escrevendo, ele mesmo,
uma espécie de poema
e se fez, no escuro
da memória,
um clarão.

**VIDA VIRADA
DO AVESSE**

Ao som do silêncio
de uma sonata, o homem
que nunca foi menino
(por ter nascido velho
por dentro, sem meio
nem começo) sente
que virou coisa.

Ele não sabe
quando aconteceu, nem
percebeu a passagem:
de homem velho a objeto
quase obsoleto, não fosse
o desejo pulsante,
grito intrínseco entre acordes,
adágio quase andante
na partitura do corpo.

Depois de um infarto
do miocárdio
o homem-coisa
passou a pensar a sua sina
na tentativa
inérito desejo
de penetrar o contorno
seco de si mesmo,
virar-se do avesso,
deixar de ser coisa,
voltar a ser velho,
transformar-se
em moço.

Ao som
allegro de uma sonata
amanhecer menino

e afagar
pela primeira vez
um cachorro.

**BEIJA-FLOR
BISPO DO
ROSÁRIO**

*“Os doentes mentais são como beija-flores:
nunca pousam, ficam a dois metros do chão”*

memória perpetuada
na escrita obsessiva
de seu outro
 e em cada objeto
 salvo, transformado
 em ser.

mesmo preso
numa cela
ou numa cama

o voo sobrepõe-se
libertando,
do pássaro azul,
o fogo
e suas asas.

rei Arthur
sem cavaleiros
herdeiro de uma casta
tecida por chamuscas
de palavras:

ao escrever, desapareço.

**DE SAÍDA,
SEMPRE**

como se chegar não fosse
nunca um lugar
de carne e pouso

mas palavra-tábua
cada vez mais longe

e ele cada vez mais
à deriva.

**O TEMPO
DENTRO
DO TEMPO**

De onde
esse querer
que o presente

(ainda há pouco futuro
prende de uma infinidade de possíveis
logo transformado em passado)

perdure
 revivido
 no milagre da memória?

De onde
esse desejo
de distender o tempo

 perto e longe
 agora e antes
num só
 corpo
 de instantes
 indivisíveis?

De onde
essa vontade
de profundo mergulho
 peixe a (re)pousar

no escuro

de águas sobrepostas
leito de um mesmo
e sempre renovado rio?

De onde
essa necessidade
de passeios solitários
pelo solo da arte

sonho e devaneio
contrariando a pressa
deste mundo
sem espaço para o voo
de si mesmo ou alheio?

**VIVER
A VIDA**

fluem no filme de Godard
como se palavras
dentro das páginas
de um livro,
 águas sobre o escuro
 leito de um rio
 e seus detritos

(fluem
apesar do susto
de obstáculos
prestes a represar
as águas)

submersa existência passa
despercebida
essência
de uma dor
quase fluida
sob o brilho
corpóreo reflexo
que apenas ilude:

a vida
(não vivida)
reflui.

ACASO-LUZ

(em memória de Donizete Galvão)

Nos conhecemos por causa
de uma data: o dia em que nascemos
— excetuando o ano, pois cheguei
um pouco depois, mas no mesmo
24 de agosto — que você me disse
ser aziago, o pior de todos
do calendário gregoriano:
massacre de São Bartolomeu,
desaparecimento de Pompeia e Herculano
sob as lavas de Vesúvio, suicídio
de Getúlio, declaração de guerras
e outras mortes e horrores,
apesar de ser também o dia
de nascimento de Borges,
Leminski, entre tantos outros
artistas, poetas, sonhadores.

Nos conhecemos por causa
de tão prosaica coincidência
transformada em acaso-luz
logo que li na orelha de seu livro
(aquele que eu chamava de *azul*):
“nasceu em 24 de agosto”,
e lhe escrevi,

e você,
inteiro generosidade,

me acolheu.

LABOR

palavras cotidianas escorrem rápidas e transparentes
de uma boca para outra sem que possamos vê-las
tampouco tocá-las — e embora transbordem são quase
inexistentes.

difícil acreditar
que se transformam
nestas,
 tão corpóreas,
que (re)colho
 em pleno voo
e as ofereço
 como
um pedaço de pão.

**HOMEM
EM SEU
DESERTO**

só, sob a luz
que incandesce
dentro dele: sol

a crestar um terreno
onde gérberas
floresciam, pardais
refrescavam-se na terra
úmida sob as sombras
de largas copas,
sob o verde
de antes.

agora apenas cinzas
seus olhos recolhem,
tentam amontoar
limpando o terreno;

com as unhas vai
cavando a terra seca
na esperança de algum broto,
ao menos semente.

o homem segue
de olhos, ouvidos,
mãos e unhas
atentos aos batimentos do solo
que resiste, pulsa,
ainda vive,
como se

aguardando uma trégua
do sol,
cuja luz, às vezes,
parece prestes a esmaecer,
mas persiste,

chama sobre a cabeça,
por dentro
do peito e do corpo inteiro
desse homem,
que — a despeito de todas
as previsões — espera
pela estação
das chuvas.

**SE NÃO
ME FALHA
A MEMÓRIA**

Guardo muitas histórias
na memória de um poema
sob a voz de cada verso

cadafalso construído
por sobre as águas dos dias.

Guardo sonhos num poema
como quem registra momentos
debaixo da pele, por entre as veias
de uma fotografia.

Quase sempre fico de fora
— embora me sinta por dentro
do que vejo, invento,
ao transformar o visto
ou entrevisto
em vivido.

Depois de um tempo
impreciso, gosto de abrir
gavetas ao acaso,
rever antigas fotografias,
gestos em traços tatuados:

e então deságuam
em veios
versos

nascidos há tanto tempo
que às vezes
titubeio
sem saber
se fui eu
que os pari.

**OUVIR
O OUTRO**

(pensando em Walter Benjamin)

Quanto mais me esqueço de mim
e ouço a voz de cada gesto
que vem do outro,
apaga-se a existência
entrecortada do tempo,
e essa história
alheia passa a ser
a minha,
 cada pedra
transposta se transforma
(unindo passo a passo)
num único caminho,
linha contínua
traçada por pés descalços
no nascimento
de si mesmo.

MÃES

*Fia, se não fosse ela,
você não existia*

minha mãe me disse
no dia em que eu,
aos doze anos, conheceria
minha mãe.

Eu não queria,
pois já tinha mãe
(meu pai, meu tudo)

mas atendendo ao pedido
de minha mãe
aceitei conhecer,
e até abracei
minha mãe.

Foi numa tarde
de sábado,

não me lembro
de ter sorrido, sei
que as duas, lado a lado,
choravam.
Lágrimas que não
me alcançavam.

E agora,
mais de trinta anos
depois, me invadem
feito chuva
na aridez da alma:

se não fossem as duas,
eu não seria.

**PARA O
GATO QUE
ME TEVE**

Nos dávamos tão bem,
meu gato e eu,
embora me arrependa
das vezes em que assobiei
ou cantei (sem saber da
sensível audição dos felinos)
direcionando os agudos
para seus ouvidos, que
reclamavam num comprido
miado, num olhar cujo escuro
até hoje me invade,
e como eu não parasse,
subia em meu colo, calava,
com a pata, meus lábios.

Meu gato me esperava
na esquina (como se fosse
um cachorro, diziam),
todas as noites, às dez
e trinta e cinco,
quando eu saía da escola
em que lecionava.
As pessoas falavam, olha lá
o teu gato te esperando,
nem era preciso, eu sentia
sua espera, via a luz
do miado antes do voo
de seu som cortar o ar
para me chamar.

Abaixava-me e ele pulava
leve sobre os livros
em meus braços.
Aconchegava-se
junto ao meu peito,
dava-me paz, e assim
seguíamos para casa.

Ainda o levo comigo
no peito, ainda sinto
sua pata em meus lábios
(toda vez que assobio
ou tento alcançar
tons mais agudos
em meu canto)
e o acarício de novo
no corpo vivo
deste poema.

**LUZ DE
RENOIR**

Dizem, veio de Monet
o desejo de dar vida
líquida às tintas,

fazer do pincel
língua sem limites
livre
da escura concretude
de linhas
e contornos:

um veio
de céu
a desaguar
em Renoir.

**MÃOS DE
BOTERO**

dão ao peso do corpo
imenso da trapezista,
a leveza
 de um pássaro
 (embora errático)
 a nadar no ar.

**TEMPO
SUBJETIVO**

Embriagada, escreve
coisas sem sentido
mas que sempre
a salvam
pelo menos do desespero
de um instante
sem rumo
e sem saída,
que só a escrita ilumina.

Mesmo que depois,
passada a embriaguez,
a luz se apague
e a escuridão lhe pese
por fora e muito mais
por dentro.

Como na madrugada
solitária
em que o cheiro
das bananas na fruteira
muito doces — a poucas horas
de estarem podres — marcou de adeus
diversas e definitivas linhas
em tinta negra, letras
miúdas e espremidas,
cuja grafia já revelava
em seu desenho
o desfecho,
que só depois
de muito tempo
viria.

Pois ela nem estava, ainda,
de partida.

**ETERNO
APRENDER**

Tateia na página
peixe aprendendo os primeiros passos
como se pisasse num solo
fundo de mar feito de cinzas
e areia, sob o peso represado
das águas, quase
sem ar.

**ESBOÇO
DE UM
SONHO**

Dentro de mim, o mar.
Diante dele, um homem:
pés na areia, olhar
a perder-se nas águas.

De sua nuca
começam a cair
palavras,
que, desconexas,
escorrem
em letras dispersas.

Entro então no sonho,
piso na areia
logo atrás do homem
e recolho
todas as letras
de seu pescoço, costas, ombros,
fazendo-as pousar
como se borboletas
nas conchas de minhas mãos.

Contorno o corpo
do homem e fico à sua frente.
Ofereço a ele
as letras recém-colhidas,
colocando-as em sua boca
— antes que se percam
na areia ou voem para o mar
do esquecimento.
Ele as mastiga lentamente
e as engole.

Palavras inteiras
saem de seus olhos,

sobrevoam o verde das águas,
pairam como se pousassem

e escrevem um poema

que, por mais que eu tente,
não consigo lembrar.

**TARDE
IMPRESSIONISTA**

Naquela tarde chovia
passarinhos.

Diante da menina
debruçada na janela
pássaros
despencavam do céu.

Fechou os olhos

abriu-os após
alguns segundos e viu
que não era
um sonho

correu para a rua
e entrou num quadro:

penas encharcadas
pincelavam o ar e caíam
na calçada
aos seus pés.

Embora inertes
não pareciam mortos
os pássaros
principalmente aquele
cujas penas luziam
em vivas camadas de água
muito azuis — o único
a cair no côncavo

ninho inusitado
de minhas mãos.

**FILHA A
CARREGAR
A MÃE**

Braços que me carregavam no colo

enquanto os ombros
suportavam o peso de sacolas
no ir e vir para o trabalho.

Braços que lavavam,
passavam, cozinhavam
ora numa casa,
outra noutra,

e sempre me embalavam,

me amparavam,

agora tremulam.

Também eu tremulo
por dentro ao ver
seu corpo num lento
desmoronar-se.

Sua mão direita
segura a bengala
sem no entanto
nela apoiar-se,
pois sua mão esquerda
segura meu braço direito
apoiando quase
todo o peso
de seu corpo
nesse outro corpo
que sou eu.

E quando a levo
assim comigo
braço em meu braço
passos arrastados
pelo assoalho
ou por sobre os sustos
da calçada,

sinto acender
na memória
de meu corpo
o amparo de seus braços
o calor do seu colo
ventre
que não me gerou

mas desde sempre
me acolheu.

**CONSTATAÇÃO
DO IRREMEDIÁVEL**

em silêncio
dentes da maresia
do tempo
roem
o leito da memória

dias passam
a ser
retratos
carcomidos

e depois
não serão
sequer

vestígios do vivido.

**FACHADA
QUE SE
ESFARELA**

Difícil aprender
a não ter pressa,

pensar, pesar
paixão e paciência,

deixar de impor
ao poema
a primeira palavra

e todas as outras
jorradas

números
de um dado
jogado a esmo
na mesa, cópia
do acaso, fala
desenfreada de pré-adolescente,
dicionário consultado
de olhos vendados,
palavras díspares
num único disparo

como se fossem
vivas pedras
(es) colhidas
no decorrer
de longo garimpo.

Difícil construir sem se deixar
seduzir pela pressa que, em vez
do abrigo de uma casa,
só é capaz da casca.

**AFETO
E FACA**

**ARAUTO
SEM
ESCOLHA**

Desde a infância sofria
com o frio a crestar-lhe o ventre:
arrepio que subia da barriga
para a mente da menina
tela sempre acesa
prevendo abismos, crateras
que não tardariam
a escrever tragédias.

Desde a infância sorria
por dentro, abraçando sóis
em sonhos raros
— como queria prolongá-los! —
a aquecer-lhe o corpo:
anúncio inusitado
de trégua e paz.

Desde a infância sentia
sinais que ninguém mais
via, antevendo-vivendo
o susto do imprevisto
paradoxalmente anunciado
na voz ineludível
de um aviso.

Desde a infância sonhava
(dormindo ou insone)
acontecimentos ainda
sem carne e sem nome,
mas que já doíam.

Desde a infância sabia,
presentindo, que teria
de aprender a ser sol
para suportar os sonhos
mais frios.

**OLHOS
CAPAZES
DE ASAS**

Ainda menino,
na escuridão do gueto,
contou um segredo
para si mesmo:

folhas são asas
que levam a árvore
a lugar nenhum.
Os olhos que veem
o voo no verde
é que voam.
E fazem folhas
e árvore existirem
até mesmo no frio
de um deserto.

Porque aprendera
a enfrentar a guerra
nadando em liberdade
por dentro de si,
passou a ter olhos
capazes de asas.

Mesmo agora,
velho e cego,
o voo persiste
nas águas
de sua alma amputada,

onde um menino
continua a existir.

**HÁ EM MIM
MULHERES**

(para Maria Valéria Rezende)

Lua ineludível:
inúmeras faces
que tanto me despem
quanto me mascaram.

Fases tão diversas
e, no entanto, sempre
— sempre — a mesma lua:
muitas e nenhuma.

Ao meu lado um cão
gane o tempo todo.
O seu nome é medo,
sua voz é *não*.

Há em mim mulheres,
todas com seus cães
ganindo nos becos
deste corpo orbívago.

Há em mim mulheres
ensaiando ser
mais fortes que o medo,
maiores que o cão.

Há em mim mulheres
escolhendo a face
de uma nova lua.
Outras, o interlúnio.

Mulheres me habitam
feitas de coragem
embora nem saibam
que podem vencer.

Eu também duvido
vivo a sucumbir
mas depois revivo:
um dia seremos.

**RETRATO
(OU
TENTATIVA DE)**

Porque aconteceu de ele ter nascido
broto em interstício de pedra e lodo,
entre a miséria e o sol sobrevivido,
transformou-se num velho quando novo.

No olhar trazia eterna embriaguez,
a sombra e a cor do azul inalcançável.
Ora louco, ora todo lucidez
fez de sua vida um sonho inadiável.

Na busca do mais simples foi ourives
que preferia barro e pedra a prata.
Seus passos escreviam versos livres,

talvez não lhe agradasse este retrato.
Em vez de um três por quatro com gravata,
desenho de um riacho em meio ao mato.

**ÀS VEZES,
VIDA**

Fios soltos entrelaç
usando dedos de fogo.
Tento vencer o cansaço
fingindo que domo o jogo.

Tempo fugaz que me aflige,
palavras viram fagulhas.
Ofício que tanto exige:
tessitura sem agulhas.

Não existe alternativa
tampouco quero entender
o porquê do desafio.

É assim que me sinto viva:
ao conseguir acender
labaredas num só fio.

IMPRESCINDÍVEIS

Socorrem-me
palavras
como abraços
recebidos em momentos
de descrença,
cansaço, quase
desistência.

*Fale sobre o que conhece,
o que viveu ou viu acontecer
e a escrita será viva.*

*Dê as costas
a tudo e a todos,
fique só
com o poema.*

*Prefira a leveza de elipses
ao peso das explicações.*

*Jogue fora
adornos e acessórios.*

Use apenas adjetivos imprescindíveis.

Parece fácil, mas é árduo
esse ofício de escavar verdades
(mesmo as inventadas)
coleccionar apenas pedras,
cacos, restolhos
e, com eles nos bolsos,
levantar voo.

**NUNCA
ANTES**

(para meu filho)

Nunca o tempo
passou assim
com tamanha insistência
pela sua cabeça:

pensa no tempo
quase o tempo todo.

Até quando dorme,
sonha que volta
ou avança
 no tempo — fio
 sob pés funâmbulos.

Acorda e se olha
no espelho dos olhos
de seu filho

e, por um momento,
criança ou velha,
 sente no rosto
 réstias de sol.

**CONSOLO EM
GRACILIANO**

No papel acinzentado
que embrulhara o pão
de manhãs passadas,
as palavras não passavam
de um emaranhado de manchas,
signos obscuros
da (des) lição de casa,
desafios intangíveis
impostos pelo mestre
à mente do menino,

que só depois de velho,
vencido o obstáculo,
já alfabetizado, pôde
fazer a comparação

sob o sol da catarse

ao ler as memórias
igualmente duras
de uma infância:

sôfrego dever e susto
*figura do barão a manchar
o frontispício do livro*

como as palavras
sem sentido
que se fizeram espada
ferindo irremediavelmente,
da vida, as primeiras páginas.

UMA CARTA

feita de palavras-águas
com o frescor de imagens

e aquele sabor estranho
que os sonhos tem,

uma carta

que enviasse em suas águas
o bater de asas de um peixe

sem vestígio de anzol
em sua boca.

**A CADA
LUA**

Ao contrário do flautista de Hamelin,
protagonista da lenda que lhe marcara
a infância, o homem nada pedia.
Tampouco fora contratado
para espantar uma praga.

No entanto, em vez de o rio Weser
engolir os ratos que assolavam Hamelin,
o som da flauta transformava
 roedores em brotos verdes
 recém-paridos de esgotos.
 Esgotos que se faziam rios,
 melódicos em seu percurso
 nascente.

Vida que recomeçava
para aqueles que recebiam,
através do som, o sopro.

Mesmo embriagado, lábios e dedos
obedeciam-no, sabendo de cor a carícia,
o caminho intrínseco das notas, dos tons.

Nessa fusão com o instrumento
que se tornara alma de sua carne,
o homem iluminava. E iluminava-se.

Durante o dia, porém, escurecia:
na fábrica, mãos invisíveis
faziam o trabalho.

O que o salvava
— e aqueles que o ouviam —
era o milagre da noite,
trazendo intermitência de luz
ao fio espesso da escuridão
que o habitava.

Homens e mulheres que o esperavam
à noite na praça da pequena cidade
não suspeitavam de seu improvável
disfarce diário: não viam o operário,
muito menos, o homem morto.

Diante deles, um deus ressuscitado
matando ratos e soprando vida
em vísceras de barro,
incendiando a noite
de si mesmo,
a cada lua.

**SEM
RESPOSTA**

Por que descer
pelo derradeiro
fio de uma estrela
que do céu despenca
e o deixa no vórtice
de escuros

— filho e mensageiro do nada?

Por que
a impossibilidade
de encontrar-se,
de sentir-se
pertencente a algum lugar,
qualquer lugar que pudesse
chamar de casa?

**DOMINGO
(DOS OUTROS)
PEDE CACHIMBO**

cozinha para os patrões às segundas, terças,
[quartas, quintas, sextas e aos sábados;
lava a louça dos patrões às segundas, terças,
[quartas, quintas, sextas e aos sábados;
limpa a casa dos patrões às segundas, terças,
[quartas, quintas, sextas e aos sábados;
lava a roupa dos patrões às segundas, quartas e
[sextas;
passa a roupa dos patrões às terças, quintas e
[aos sábados;
se tem festa ou hóspedes na casa, os patrões a
[chamam nos feriados.

domingo
seria
seu dia
de folga
mas
continua
na lida
em casa com o marido e os cinco filhos;
limpa, lava, passa, cozinha: cuida
de quem fuma cachimbo
o dia inteiro.

SINA

O pai
foi o primeiro.

O segundo,
seu irmão.

Do terceiro
até o último

homem: nenhum

que lhe desse a mão
e a arrancasse,
menina, da lama.

DESAMPARO

Viviam os dois numa espécie
de invisível antecâmara do real.

Sempre juntos, inclusive nessa
quarta-feira, como em todas
as outras quartas-feiras e em todos
os dias dos últimos dez anos.

Na quase realidade ou terceira
margem em que viviam, partilhavam:
comida, quando havia; fome,
na maioria das vezes; afeto, sempre.

Nessa manhã não fazia frio nem calor.
Estavam bem e até alimentados.

Foi sem nenhum aviso
— nem mesmo do sexto sentido
de um deles, que costumava alertá-los —
que tudo aconteceu.

À dor aguda no peito e a um grito
seco, seguiu-se a morte.
No meio da calçada, já fora
da antecâmara, o corpo inerte.

O homem seguiu na maca;
depois, na ambulância.

E a separação se fez concreta
na repentina ausência.
A escorrer pela sarjeta,
um miado quase inaudível.

**PAISAGEM
PÓS-BOMBA**

Sob o céu, a vida
ou promessas de.
Até que, sem aviso:

de cinzas, densa nuvem
a vestir o vazio
em que se transformaram num átimo
as vidas.

Despidos de promessas:
olhos e corpos.
Na calçada,
espécie de céu
que de repente desceu,
peso imenso
dor
desabando
sobre
o nada

BODAS DE SOLIDÃO

De longe os observo
e parece que nunca
os conheci.
Tampouco compreendo
esta festa oferecida
a tantos convidados.
Fecho os olhos
(sentindo o peso
de cílios postiços
que nunca usei)
e tento ver aqueles
que foram um dia,
mas não consigo.

Vejo apenas o escuro
de corpos mudos
em abandono
de si mesmos,
fatigados
pelo que disseram ou
escolheram calar.
Corpos que se afogam
na secura de um solo
antes berço de gozo
e rebentação.

Embora sigam
lado a lado,
estão mornos
misturados
pelo sal
de uma simulada
comunhão.

O CORPO

Nenhum dos dois
nunca soube explicar
— mesmo dez anos depois,
não sabem.
Tampouco tiveram
coragem de olhar
para baixo e ver
o corpo
estatelado
em meio
aos estilhaços.

Ele se mudou, ela ficou
no apartamento-trampolim
conservando por algum tempo
janelas e olhos fechados.

Nas raras vezes
em que se encontram,
quase sempre por acaso,
evitam palavras
ou mesmo olhares
que possam trazer
a dor à tona.

De vez em quando
ainda se lembram,
mas cada vez com menos
nitidez,
daquela tarde
de chuva
em que viram, perplexos,

saltando da janela
para o abismo:
a taça de vinho tinto,
onde boiava,
já morto,
o amor.

**COMO
NA VIDA**

parar o escrito
quando não passa
de grunhido
parido à força
por riscos de garras.

parar

mesmo que o pensamento
ainda aceso continue,
interromper a mão antes
de seu cansaço extremo,
o lápis estéril que insiste
em rabiscos, excessos cuspidos
por entre os versos,
invadindo à força seu sexo
até escorrer feito
fio frouxo
pelos pés do poema
já sem frêmito.

parar — como na vida.

interromper a avalanche,
o vômito de palavras podres,
a discussão contínua
desprovida de sentido,
música de morta melodia.

parar

mesmo que
boca e dentes
continuem a vociferar:

cortar

a língua que apaga
qualquer possibilidade
de gozo
e harmonia.

VIDA
IN LOCO

corpo sem rédeas
a arder por dentro
numa atônita

liberdade

galope
de acordes

dissonantes

descoberta
(como se primeva)

de asas ancestrais

na carne
de um parágrafo
sem pálpebras
nem vírgulas

língua líquida

prestes a parir
da música
o fogo
cujo tempo
intrínseco
ignora
relógios
de fora.

**CANSAÇO
REVISITADO**

Escreveu um poema
de aniversário
nas pedras do fim de um caminho
que sequer havia começado:

aos dezoito anos sentia-se
velha e cansada, à beira
de abismos.

Nunca soube de quem herdou
esse pendor para o drama
sempre disfarçado sob a carne
úmida das gengivas.

Aos quarenta e oito,
nas pedras do mesmo caminho,
viu o reflexo do cansaço
nascido aos dezoito

e não é que abriu um sorriso
(sem drama escondido
por detrás das gengivas)
ao sentir-se capaz
de sobrevoar abismos?

(24 de agosto de 2016)

**FLOR
DO FOGO**

Desde criança me encanta
uma espécie de milagre.

Desde criança me espanto
com a possibilidade
absurda da língua:

além de dar forma
concreta
dar vida
às ideias
tão fluidas.

Não sei dizer
quantos anos
eu tinha,
talvez dez,
quando vi
pela primeira vez

um broto nascer
pelas mãos
tateantes
do meu pensamento

e seu corpo
acendeu
fazendo-se flor
fogo

na página (não mais) em branco.

**SILÊNCIO
E GRITO**

**PEIXE SEM
GUELRAS**

Com desconforto e em descompasso,
pulsam no peito, no pensamento
mais profundo e na epiderme,
no couro cabeludo, nas veias,
na raiz de cada fio
de seus cabelos:

silêncio e grito,

batalha
aparentemente sem
sentido que a fere
na carne
e escancara (apenas para ela mesma)
a concretude de uma certeza:
falar ou escrever — não o que
quer que seja, e sim determinadas palavras
e suas asas, principalmente as asas! — às vezes
não vale nada.

Mas sobreviver em vez de viver
também de nada vale.

E mesmo sendo raros os deslumbramentos
nascidos da escrita,
viver sem escrever é não ter vida.

Por isso numa espécie de tortura
suicida (não por escolha,
mas por não haver saída
ou talvez não seja nada disso,
apenas covardia)
cala-se.

Embora a palavra seja capaz
de aplacar ou declarar uma guerra,
costurar ou rasgar caminhos e existências,
descobre a cada dia e a cada noite
insone, que o melhor é não dizer
nem escrever nada
e tentar seguir incólume,
numa alienação disfarçada.

Sim, calar-se é o melhor a fazer.
A não ser que se esteja inteiro
(que se possa estar inteiro!)
em cada pensamento
impermutável
partilhado:

peixe a fazer da pele
e do cerne
das palavras
— mesmo em águas turvas —
suas guelras,
asas
para todo o cardume.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO MERRIWEATHER E IMPRESSO
PELA IMPRENSA OFICIAL SOBRE PÓLEN SOFT 80G/M2 EM FEVEREIRO
DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.



Criado pela Secretaria da Cultura do Paraná, por meio da Biblioteca Pública do Estado, o Prêmio Paraná de Literatura surgiu com o objetivo de valorizar a produção literária brasileira e criar mais um espaço para a discussão e divulgação de livros. Em sua quarta edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Mais de 2 mil trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que escolheu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública e distribuídos para as principais bibliotecas do País.



978-85-66382-27-3

